



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-
PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FERNANDA MARTINS FRANÇA

**RELATOS DE UMA PROFESSORA: DA TRAJETÓRIA
EDUCACIONAL À ATUAÇÃO DOCENTE**

GURUPÁ-PÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F814r França, Fernanda Martins.
 Relatos de uma Professora: da Trajetória Educacional à
 Atuação Docente / Fernanda Martins França. — 2023.
 30 f.

 Orientador(a): Prof^a. MSc. Raimunda do Socorro Rodrigues
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
 Educação, Altamira, 2023.

 1. Atuação docente. 2. Relatos. 3. Trajetória educacional.
I. Título.

CDD 370

FERNANDA MARTINS FRANÇA

**RELATOS DE UMA PROFESSORA: DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL À
ATUAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, Campus Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Plano Nacional de Professores da Educação Básica (PARFOR)–Turma Gurupá, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Raimunda do Socorro Rodrigues

GURUPÁ-PARÁ
2023

**RELATOS DE UMA PROFESSORA: DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL À
ATUAÇÃO DOCENTE**

Elaborado por

Fernanda Martins França

Como requisito parcial para obtenção do grau de

Licenciada em Pedagogia

TCC aprovado em 23 / 01 / 2023.

Prof.^a Ms. Raimunda do Socorro Rodrigues– UFPA (Orientadora)

Prof.^o Dr. Luiz Carlos Souza Bezerra – UFPA (Membro da Banca)

Prof.^o Msc. Marconde Avila Bandeira– UFPA (Membro da Banca)

Dedico esse trabalho aos meus pais, que por muitas vezes ficavam trabalhando na lavoura, com fome o dia todo, para me dar oportunidade de estudar. Esse sempre foi um sonho do meu pai, de um dia ver os filhos formados. E hoje, longe de mim, não chegará a ver mais uma filha se formando. Tudo isso pai, é para você, que me deixou no dia 08 de janeiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me colocado em uma família maravilhosa, que sempre esteve ao meu lado, nos momentos difíceis e nos bons.

Agradeço aos meus pais pela confiança que colocaram em mim, pela força que eles me davam, tanto como incentivo, quanto financeiramente, me ajudando com meus filhos.

Aos meus irmãos, que sempre me deram força e incentivo, tanto no meu estudo quanto no meu trabalho. Tantas vezes ficavam tomando conta dos meus filhos para eu estudar.

Agradeço aos meus filhos, pelo amor e dedicação que tiveram comigo e, que me ajudaram a seguir em frente com os meus estudos. Jamais eles foram motivo para eu desistir de lutar pelo meu objetivo.

Ao PARFOR/UFPA, pela oportunidade que me deram de participar dessa formação tão importante na minha jornada como educadora, que foi muito importante para o meu desempenho em sala de aula.

Aos professores, que foram excelentes profissionais na transmissão de conhecimentos, que sempre se esforçaram, davam incentivo para a turma e, trataram com muito amor e carinho à todos nós.

A minha turma, por ser divertida e coletiva com todos, e muito incentivadora uns com os outros.

Aos meus amigos que me apoiaram no momento em que eu mais precisei, que sempre estiveram ao meu lado: Fabiana, Fabrício, Roberta, Jonas, Valdirene, Vânia Rita.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Raimunda do Socorro Rodrigues, por compartilhar comigo um conhecimento fundamental na minha trajetória acadêmica, de suma importância, que levo comigo, não só na vida acadêmica, mas também na vida profissional.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós
ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos
sempre.

(FREIRE, 1996, p. 19)

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EEEM	Escola Estadual de Ensino Médio
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola.
PME	Programa Mais Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPA	Universidade Federal do Pará

RELATOS DE UMA PROFESSORA: DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL À ATUAÇÃO DOCENTE

Fernanda Martins França ¹

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) que tem como tema **Relatos de uma professora: da trajetória educacional à atuação docente**, é um estudo autobiográfico que apresenta como principal objetivo fazer um relato de minha de vida, descrevendo aspectos de minha formação educacional à atuação docente. O respectivo relato de minha experiência educacional e docente está pautado em uma narrativa reflexiva, ancorado em uma revisão bibliográfica, onde foi possível olhar para momentos de minha caminhada à luz de diferentes autores que dialogam com a temática. Os resultados deste memorial evidenciam os desafios, superações e aprendizados vivenciados em minha trajetória de vida.

Palavras-chaves: Atuação docente. Relatos. Trajetória educacional.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Faculdade de Educação/Campus Altamira, Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: fernandamartinnsfranca56@gmail.com

REPORTS OF A TEACHER: FROM EDUCATIONAL TRAJECTORY TO TEACHING PERFORMANCE

ABSTRACT

The present work of conclusion of course (TCC) that has as its theme Reports of a teacher: from the educational trajectory to the teaching performance, is an autobiographical study that presents as main objective to make an account of my life, describing aspects of my educational formation to the teaching performance. The respective account of my educational and teaching experience is based on a reflective narrative, anchored in a bibliographical review, where it was possible to look at moments of my journey in the light of different authors who dialogue with the theme. The results of this memorial show the challenges, overcoming and learning experiences experienced in my life trajectory.

Keywords: Teaching performance. Reports. Educational trajectory.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
2. MEMÓRIAS DE MINHA BASE FAMILIAR	13
3. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL	13
3.1 Ensino Fundamental	13
3.2 Ensino Médio	20
3.3 Educação Superior	21
4. ATUAÇÃO DOCENTE	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo autobiográfico que tem como objetivo fazer um relato de minha trajetória de formação e atuação docente, tendo como título **“relatos de uma professora: da trajetória educacional à atuação docente”**.

O início de minha formação educacional se deu em uma escola da zona rural, localizada na vila Carrazedo, no município de Gurupá/PA. Neste mesmo local iniciei minha atuação como docente, na escola do Polo Cojuba, onde indicava haver alto índice de evasão escolar, principalmente com crianças das famílias de baixa renda.

Nas comunidades do Polo Cojuba, no município de Gurupá/Marajó/PA, muitos alunos vivem da pesca, justificando o ato de pescar como uma forma de ajudar suas famílias financeiramente. O período da pesca - que geralmente dura quatro meses, entre julho a outubro, provocando um grande número de evasão escolar naquela localidade.

Mesmo quando o período de pesca acaba, muitos alunos não sentem vontade de voltar para a escola, até porque para eles, a pesca é justificada como um meio produtivo, além de uma forma de diversão entre amigos, que vêm de longe para pescar com eles.

Essa problemática foi um dos desafios que vivenciei como aluna e como professora. Na minha trajetória educacional, muitas vezes tive que conciliar escola e trabalho, pois precisava ajudar meus pais na roça ou nas atividades extrativas. Enquanto professora, o desafio era pensar como desenvolver uma metodologia de ensino que pudesse ajudar meus alunos a conciliar o tempo da escola com o período das atividades produtivas de suas comunidades, onde geralmente há falta de políticas públicas.

Os alunos precisam ver um sentido na sala de aula, ter vontade de sair de casa e ir até a escola, ter interesse pela aprendizagem. A escola precisa incentivar e mostrar a eles um novo olhar para a educação. A metodologia de Paulo Freire consiste em uma maneira de educar conectada ao cotidiano dos estudantes e às suas experiências, baseando-se no diálogo entre professor e aluno, transformando-o em um “aprendiz ativo” (MOYA, 2021, p. 2).

Já os teóricos Fernandes, Cerioli e Caldart (2004, p.33 apud ARROYO, CALDART, MOLINA, 2004) destacam que o primeiro desafio na educação está no “[...] processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção dos sujeitos sociais na realidade”, visando uma educação mais ampla, humana e feliz, sendo oferecida ao meio rural.

Dessa forma, é essencial garantir que todas as pessoas do meio rural tenham acesso a uma educação de qualidade, voltada aos interesses da vida no campo. Segundo Freire (1996)

em sua obra “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” a prática pedagógica deve basear-se no diálogo entre professor e aluno, procurando transformar o estudante em um aprendiz ativo. Freire defende uma educação que incentive a criticidade do aluno indo além do português e da matemática.

Neste trabalho, em formato de memorial, foi desenvolvida uma narrativa autobiográfica com uma abordagem qualitativa, trilhando caminhos que levam a uma reflexão de minha trajetória educacional e docente, partindo de memórias de minha base familiar à atuação como docente do ensino fundamental.

2. MEMÓRIAS DE MINHA BASE FAMILIAR

Eu me chamo Fernanda Martins França, nascida em 18 de setembro de 1986. Sou filha de Manoel Moreira França, nascido no dia 4 de junho 1952 e de Maria Nunes Martins, nascida em 24 de maio de 1957.

Meu pai não teve escolaridade porque naquela época não havia estudo para pessoas da classe baixa, e porque ele perdeu seu genitor muito cedo. Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004, p.47) “Até as primeiras décadas do século XX, a educação era privilégio de poucos, sobretudo, no meio rural”. Ele teve que trabalhar dobrado para ajudar a sustentar a família, juntamente com sua mãe e seus irmãos – no total de nove irmãos. Ele trabalhava em corte de seringa.

Meus pais eram lavradores, tiveram três filhos e cinco filhas. Da lavoura eles retiravam o sustento de nossa família. Hoje somos órfãos de pai, só tenho mãe, que vive de sua aposentadoria.

3. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

3.1 Ensino Fundamental

Em 1997, aos 11 anos tive o meu primeiro contato como ambiente escolar, que se deu na escola municipal de ensino fundamental Santo Antônio Polo Carrizado, localizada no município de Gurupá-PA, há aproximadamente umas quatro horas de distância da sede de Gurupá.

Onde eu estudava era um barracão comunitária, espaço cedido pela comunidade. A prefeitura sedia os professores. O barracão era dividido em quatro partes com lona, onde as salas comportavam turmas multisseriadas.

Nasala onde eu estudava o professor dava aula para a 1ª e 2ª série do ensino fundamental. O espaço não tinha cadeiras, nós ficávamos todos de barriga para baixo para fazer nossa atividade do dia. Assim, afirma Barros (2009, p.21)

[...] são grandes as dificuldades pelas trilhas por onde passam as crianças e jovens desse meio, que procuram adquirir conhecimentos [...] com alunos em série incompatíveis com a idade. As escolas do campo normalmente são compostas de apenas uma sala tendo que se desenvolver um trabalho de sala multisseriada, com mistura de idade e conteúdo.

No ano de 1998 não estudei porque fui morar com minha Irmã no rio caputiga onde ficava longe do assessor a escola. mas não fiquei sem aprender nada, porque, quando ela terminava do serviço de casa ela ia mim ensinar as letras e eu aprende muito com ela foi ela que me ensinou a conhecer as sílabas, os números, e o mais importante foi quando eu aprendi o que era hora na aquela idade sem a escola, só não recebi meu boletim no final do ano, mas aprender muito.

Em 1999 nós voltamos para o Carrazedo onde morava a nossa família. Foi quando minha mãe renovou minha matricular na escola Santo Antônio. Fui matriculada para fazer a 2ª série e no final do ano concluí a segunda série. Em 2000, eu estava com 13 anos e ia fazer minha 3ª série devido a distância de casa pra escola muitos pais se reuniram pra fazer um anexo dessa mesma escola e a secretaria aceitou porém não tinha barqueiro na aquela época os alunos iam pela canoa. Segundo Silva,

Os meios de transporte utilizados pelos ribeirinhos recebem o nome de casco ou montaria, uma canoa primitiva feita de um tronco escavado por um processo manual rudimentares, sem toldo e sem vela, utilizando apenas o remo para navegar, porém este foi adaptado pelos ribeirinhos usando moto à gasolina em que eles o chamam de “rabeta ou baqueta”, em relação ao transporte. (SILVA, 2021, p.05)

Porém, o meu percurso não era só estudar. Pela manhã tínhamos que levantar-nos bem cedo para irmos com nossos pais para a roça. Segundo Silva (2017, p.05)

A lavoura de substâncias é extensão itinerante, ou seja, a agricultura é feita por determinados períodos e depois de cultivado a terra perde sua propriedade produtiva e assim a lavoura é feita em outro local. O que predomina na região é a agricultura da mandioca, planta rústica, raiz constitui um dos alimentos básicos nas mais diversas formas.

Para chegar até a casa de forno (casa de fazer farinha) levávamos aproximadamente uns 30 minutos ou mais - isso ocorria no verão, entre o mês de julho até janeiro; entre fevereiro até junho era o período de inverno. Ao meio-dia, eu, meus três irmãos e meus primos tínhamos que voltar para casa, tomar banho, comer alguma coisa e depois embarcar na canoa

para irmos estudar. Tínhamos que chegar na escola às 14h - esse era o horário que começava a aula e saíamos às 17h40m.

No final do mês de novembro e início de dezembro a escola finalizava as atividades e liberava os alunos, porque eles precisavam fazer farinha para arrecadar renda. Esse era um meio de onde eles tiravam seu próprio dinheiro, porque cada família se juntava para fazer a farinha.

Como dava muito trabalho e tinha pouca gente para trabalhar, meu pai e meu tio juntavam as duas famílias para trabalhar. Dois dias era trabalhado para o meu pai e dois dias para o meu tio.

Porém, cada família fazia um sacco de farinha. Nessa época a farinha era vendida em sacco, da seguinte forma: uma metade ficava no comércio do patrão e outra metade meu pai vendia para poder pegar o dinheiro. Segundo Silva (2017, p.03) “As famílias ribeirinhas são estabelecidas pelo trabalho na roça, pela participação da vida social e religiosa da população, construindo sua própria organização, estratégia de adaptação, identidade e instruções, acerca da religiosidade ribeirinha”.

Sobre as festas religiosas, minha referência familiar está associada à Festividade de São Benedito de Gurupá. No dia 24 de dezembro a minha mãe ajeitava tudo em casa arrumava nossas roupas para irmos para Gurupá passar a festividade de São Benedito de Gurupá. A festa inicia no dia 9 de dezembro com alvorada da busca do mastro e termina dia 28, com a procissão e a derruba do mastro. Durante esses dias a cidade fica em festa, tendo como dias de destaques os dias de 22 a 27 de dezembro.

No ano de 2001, eu comecei a cursar a 4ª série do ensino fundamental eu tinha catorze anos, fui estudar na escola São José, na mesma comunidade, mesmo Polo, só o barracão que era outro porque esse período não tinha escola, a comunidade doava o espaço e a prefeitura entrava com os professores.

Neste mesmo ano de 2001 a prefeitura contratou um barqueiro para fazer o transporte dos alunos. O barco passava na nossa casa já às seis horas da manhã para nos levar até a escola. Ao meio-dia ele retornava com os alunos, deixando de casa em casa. Os alunos da quinta série estudavam três dias na semana, pela manhã e pela tarde.

No dia 24 de julho de 2021, durante o processo de fabricação da farinha, quando chegamos na casa de forno, na hora de sevar a mandioca eu falei para papai que fazia essa

parte. Ele ficou desconfiado, mas assim mesmo deixou que eu fizesse. Estava indo tudo bem, por um segundo medesconcentrei e sofri um acidente. Foi tudo muito rápido. Senti um choque na mão e, quando vi estava só sangue, sendo tirado a ponta dos meus dois dedos da mão esquerda. Meu pai nessa hora ficou muito apavorado e correu para enrolar a minha mão com um pano, me colocando no casco, nesse meio tempo meus dois irmãos chegaram -tinham ido tirar açaí, logo em seguida fomos depressa para casa.

Quando chegamos minha mãe ficou muito assustada, mas, como já era final de tarde, não deu para irmos naquele mesmo dia buscar assistência médica em Gurupá. Segundo Silva (2017, p.06) “Em particular nas áreas ribeirinhas, o acesso à assistência médica é raro. Sabe-se que existem poucos agentes comunitários de saúde. Quando os ribeirinhos necessitam de assistência médica são obrigados a se deslocar aos postos de saúde”.

Conseguimos viajar na madrugada e, ao chegarmos na cidade de Gurupá fomos logo para o hospital. Porém, estavam sem material anestésico, sendo preciso meu pai comprar dois vidros de anestesia, mas não foi o suficiente. Enquanto eles costuravam meus dedos eu sentia muita dor.

Após quatro dias, eu e minha mãe viajamos para Macapá, onde fiquei internada 25 dias. Devido a um procedimento malfeito no hospital de Gurupá eu quase perdi meus dois dedos, que infeccionaram. Fiquei por uma semana internada na pediatria de Macapá, onde consegui fazer um procedimento cirúrgico na mão. Nesse mesmo ano que aconteceu isso comigo, eu tinha catorze anos.

No dia 28 de setembro, do mesmo ano, minha mãe pediu ao médico para me dar alta, porque ela não aguentava mais, estava muito cansada. Ele entendeu. Ela disse que iria se responsabilizar por mim, que pediria a uma enfermeira que ensinasse a ela fazer os curativos na minha mão. O médico deu a minha alta, emitindo um atestado para eu poder apresentar na escola e, comprovar que estava realmente hospitalizada.

Como era época de eleição eu e minha mãe tivemos que retornar para Gurupá, pois ela tinha que votar. Como eu já estava em casa, a mamãe resolveu fazer as consultas dela para poder fazer a cirurgia. Então, eu tive que voltar com ela para Macapá porque na cidade de Gurupá não havia recursos para ela fazer a cirurgia. Foi uma época de muitas dificuldades dentro de Gurupá, a cidade estava numa verdadeira calamidade. Retornamos no final do ano de 2001 para Gurupá.

Foi encaminhado meu atestado para Secretaria de educação de Gurupá,mas infelizmente, como houve mudança de governono município, eles não acharam meu atestado. Em consequência disso, no ano de 2002 eu tive que continuar na 4ªsérie do ensino fundamental. Estudei do mês de março até o início de maio, tendo que parar de estudar porque me casei - eu tinha quinze anos. Logo tive que sair da comunidade Carrazedo para morar na cidade de Porto de Moz. Lá eu não estudava. Fui trabalhar na casa de família.

Retornei novamente para a comunidade de Carrazedo, município de Gurupá, no mês de outubro do mesmo ano, mas neste ano não dei continuidade aos meus estudos porque eu já estava grávida do meu primeiro filho. Mesmo assim, eu tinha perdido a vontade de estudar. Não tinha mais ânimo. Eu tinha engravidado muito nova, e pensava no sacrifício que eu iria passar quando chegasse o verão. Iriaser muito ruim,a água ia secar e descobrir toda a praia. Para chegar até o barco nós tínhamos que ir pela lama e, no horário do sol quente - das onze até as três horas.

Entre os anos de 2002 e 2003 eu continuei fora da escola porque estava com bebê pequeno e meu marido era chato, ficava falando que se acontecesse alguma coisa com o nosso filho eu seria culpada de tudo. Também, ele não queria que eu estudasse. Foi mais um período perdido no mundo dos estudos.

No ano de 2004, quando meu filho já estava com dois aninhos, meus pais ficaram bravos e me ameaçaram:eu iria levar uma surra deles caso eu não procurasse voltar a estudar. Minha mãe foi na escola São José da comunidade do Carrazedo e me matriculou novamente.

Quando eu voltei para estudar tive que fazer a 4ªsérie novamente porque eu não tinha terminado em 2002. Porém, falei a mim mesma que não iria desistir, eu não iria parar, mesmo meu marido não querendo. Eu não parei, mas era muito sacrifício, sobretudo quando chegava o verão, tudo ficava complicado, à beira da praia secava tudo,quando era no horário das onze o sol era muito quente a lama estava quente,as vezes não tinha merenda e a gente só com o café da manhã,eu só levava o mingau do meu filho e as vezes umas bolachas para ele comer e aguentar até chegar em casa. Quando nós em encostava na beira da praia para desembarcarme u irmão mais velho pegava meu filho e carregava e eucarregava a bebê de colo. Nós andávamos aproximadamente uns dezoito metros até chegar em casa, sem dizer que chegávamos com uma grande fome. Meus irmãos me ajudavam muito. Mesmo com todas as dificuldades, eu venci o ano.

Em 2005 fiz a 5ª série, mas já estava grávida novamente. Por um lado, minha família me ajudava muito. Minha mãe acordava as seis horas da manhã para fazer o café, em seguida o mingau enquanto eu ajeitava a mochila para podermos ir para a escola. Chegando lá eu levava o meu filho que tinha três anos na creche enquanto eu estudava.

No ano de 2006 fiz a 6ª série. Nós estudávamos em um postinho bem velhinho. Éramos nove alunos. A parede dele estava caindo aos pedaços e, quando vinha a chuva nós tínhamos que sair, com medo de cair em cima de nós. Obom, disso tudo é que a nossa educadora tinha formação e usava várias metodologias em sala de aula.

Quando era no dia de apresentar trabalho ela fazia dois grupos de alunos. As aulas aconteciam três dias na semana, pela manhã e tarde. Pela manhã eu levava meu filho mais velho, que já tinha três aninhos. Quando minha filha nasceu - dia 24 de maio, com uma semana eu já estava na escola novamente. Eu levava uma rede para ela dormir. Quando ela acordava eu pegava ela de mamãe deixava novamente na rede. Contava com a ajuda de muitos colegas da turma.

Por um lado, melhorou, a prefeitura o transporte escolar, que deixou de ser feito de canoa e, passou a ser feito de barco, com tolda e volante coberto. Nós saímos de casa às seis da manhã, pois nossa aula começava às 8h. Saíamos da escola às 11h40. Retornávamos para a escola às 14h da tarde e saíamos às 17h30. Só saía mais cedo quando não tinha merenda, mas, como faltava muito a merenda nós tínhamos que aguentar assim mesmo.

No ano de 2007 cursei a 7ª série, enfrentando as mesmas batalhas, desde a minha convivência entre meu estudo e meu marido -que não queria que eu estudasse. Ele dizia que eu não tinha direito a nada, porque eu não trabalhava, que só prestava para vadiar e, que se algo aconteceu com as crianças eu seria culpada de tudo. Mas, eu não ligava para o que ele falava, para não gerar confusão. O melhor de tudo foi que eu venci mais um ano de estudo, mesmo com problemas de saúde e na família. Mas ficava muito feliz quando eu chegava na escola e tinha os colegas e professores para me animar. Por mais que eu fosse triste, ou com o coração amargurado, passava, e depois eu já estava sorrindo. Quando era a disciplina de matemática eu não gostava muito. Mas, de outras disciplinas eu gostava, principalmente daquelas onde eu podia dialogar com meus colegas, me dava mais autonomia, atitude. Gostava quando a escola realizava eventos em que as turmas faziam apresentações, faziam desafios com os alunos, isso trazia um bom desempenho na minha vida escolar.

No ano de 2008 eu fiz o 8º ano na mesma escola no postinho só que eu já estava com problema de saúde. Quando começou as aulas, eu comecei a adoecer, isso foi em janeiro e eu comecei a estudar em março, porque é calendário normal na escola São José do rio Carrazedo. Eu ia pra escola, mas quando chegava no barco o cheiro do óleo fazia eu passar mal. E foi acabando a aquela vontade de diálogo com os colegas, eu já não podia fazer as apresentações que eu gostava, já não podia mais fazer as aulas de educação física que minha cabeça doía, me causando enjoo e tontura.

Em julho do mesmo ano quando saímos de férias eu retornei para Gurupá. Meus pais não quiseram mais que eu voltasse para o interior. Então, tive que ficar na cidade. Eles já estavam morando lá porque minha mãe tinha concorrido a eleição para o conselho tutelar, tendo sido eleita como conselheira tutelar. Ela pediu minha transferência da escola São José da comunidade Carrazedo, para escola Mariocay na cidade de Gurupá.

Em agosto do mesmo ano comecei a estudar, não foi bom, porque eram colegas desconhecidos, eu era sozinha e o método de ensino era outro. A gente escrevia bastante, trabalhava muito em sala de aula. Mas eu não me sentia à vontade na escola, não tinha evento como na escola do interior, a qual eu estava acostumada. Mas, consegui me sair bem em quase todas as matérias.

Em setembro do mesmo ano tive minha terceira filha. Ela estava com uma semana de vida quando eu voltei para escola. Nesse período, minha irmã que ficava com a minha bebê. Eu me levantava às 6h da manhã, arrumava os dois filhos e levava-os para a escola. O menino com 6 anos, estudava na escola José Amil, e a menina, com 4 anos, na creche cantinho do meu saber. Em seguida, eu seguia para estudar. Minha bebê, quando estava com fome, era levada (por minha irmã) até uma vizinha, para mamar - ela teve bebê no mesmo período que eu. Estava indo tudo bem, mas infelizmente, a única disciplina que eu tinha como um atraso era a matemática, que eu não gostava, porque custava muito processar na minha mente e quando a gente muda de professor, muda a forma de ensinar e a forma de aprender, porque cada um tem seu método de ensino.

Em 05 de dezembro minha bebê adoeceu de pneumonia. Fiquei cinco dias com ela no hospital, justamente na semana em que nós iríamos fazer as provas. Quando o médico me deu alta eu pedi um atestado e levei para a escola. Todos os professores passaram a prova de segunda chamada, menos a professora de matemática. No final do ano eu passei em todas as disciplinas, menos na disciplina de matemática, que fiquei de dependência.

Em 2009 passei o ano todo pagando a disciplina de matemática. Eu estudava dois dias na semana - terça-feira e quinta-feira, pela parte da manhã. A rotina era todo dia, tomar conta de casa, cuidar dos meus filhos, estudar. Ao final, quando fui pegar a média, a professora não apareceu com as minhas médias e falou que eu não tinha passado

Nessa época minha mãe era presidente do conselho escolar, e achou uma lei onde amparava o aluno, em caso igual ao meu. A escola teve que me dar meu histórico escolar.

3.2 Ensino Médio

No ano de 2009 comecei a cursar o ensino médio. Iniciei o 1º ano na escola Marcílio Dias que fica localizada na cidade de Gurupá na avenida rodovia Gurupá Pucurui em frente ao posto de saúde Nossa Senhora das Graças.

Meu horário de entrada na escola era as 13h até 13h15 eu poderia entrar, quando tínhamos todos os horários eu saia 18h15 e chegava em casa 18h40 ou mais, porque o percurso que eu fazia da escola para casa era longe. Era tudo novo para mim, a escola, professores, muitas disciplinas novas, as dificuldades foram surgindo nas matérias de português, matemática, física, química e inglês.

Era uma nova forma de aprendizagem, uma outra metodologia de ensino, das formas em que eram o ensino fundamental. Eu só me saia bem quando a gente apresentava trabalho, onde os alunos pesquisavam se desenvolviam no seu modo de agir e se expressar. Mas, alcancei média para passar.

No ano de 2010 eu fiz o 2º ano, e passei sem a direção da escola me apresentar dependência. Os alunos que ficassem com dependência em qualquer disciplina a direção da escola vinham avisar nas salas, o horário da dependência, nessa tarde a dita professora que falou que eu não era aluna da aquela escola foi que veio avisar da dependente dos alunos, mas ela não falou o meu nome. Nas disciplinas de geografia e estudado amazônico, os professores desenvolviam pesquisa com os alunos em uma área de floresta dentro de Gurupá, próximo ao igarapé Jacupí, para vermos como a natureza é realmente.

Em 2011 foi que eu fiz o 3º na escola Marcílio Dias, eu estudava a tarde, porque pela parte da manhã eu levava meus filhos para a escola. Na disciplina de português o professor era severo, com ele não entrava sem o livro de português. As carteiras tinham que estarem ordem, quando ele falava a gente tinha que responder, mas era um excelente professor. Na disciplina de geografia, onde a professora fez um trabalho de grupo, o meu tema era fazer

uma reportagem nos lugares mais poluídos da cidade. Nós fomos para o lixão e depois viemos para a hidroviária onde as pessoas amontoavam tanto lixo eu fui ver quanto as pessoas prejudicam a natureza e poluem o ar que respiramos.

3.3 Educação Superior

Em abril de 2018 o diretor da escola onde eu atuava, comunicou a todos os professores do polo que haveria uma formação de professores na cidade de Gurupá, e que todos estavam liberados para participar.

No mesmo mês, eu me escrevi para fazer faculdade na Unamar, polo de Gurupá. O curso era presencial, com aulas nos finais de semana. Eu estudei dois meses e depois descobri que a faculdade não era legalizada no Pará, somente no Amapá. Porém, nunca desisti de fazer um curso superior e pedi a Deus que um dia eu conseguisse ser do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).

No ano de 2018, no mês de outubro, eu fui chamada na Secretaria Municipal de Educação, onde fui comunicada que havia sido selecionada para a turma do PARFOR/Gurupá. Eu fiquei muito feliz, e tinha um prazo para eu organizar os meus documentos na secretaria de educação.

Em 04 janeiro de 2019 iniciaram as aulas do PARFOR, na escola Mariocay. No início dos estudos foi muito difícil, que até pensei em desistir. Ainda mais quando veio uma professora que embaralhou tudo minha cabeça. Foi difícil porque tudo era novo, e eu não sabia nada daquilo que estavam ensinando. Mas, logo fui aprendendo, e as coisas foram clareando na minha mente. Foi melhorando as formas de ensino, porque assim como mudava as disciplinas, mudava os educadores e mudavam as formas de como ensinar melhor. Foi aí que eu vi quanto é bom entrar em sala de aula quando o educador tem formação de nível superior. Em cada disciplina cursada pude perceber o quanto eu errei em minhas práticas em sala de aula e, que foi possível consertá-las com a chegada do PARFOR.

Na primeira disciplina foi que eu conheci realmente o que era uma matriz curricular da escola. Que como afirma Severino (1998),

[...]A matriz curricular, que apresenta conteúdo do específico por disciplina sem que haja uma integração entre, a outra está na própria prática dos professores que conseguem articular a interação entre os conteúdos, como se cada disciplina apresentasse rumo da outra. (SEVERINO, 1998 p.08).

A matriz que a Secretaria de Gurupá mandava para as escolas era incompleta, e não se adaptava a escola do campo. Na disciplina de filosofia tive novos horizontes, que me possibilitaram refletir muito, a partir da explicação do professor. Eu tive que olhar para dentro do meu eu.

As aulas foram tão interessantes, ficando melhor ainda com a formação dos grupos de estudo, que nos incentivou a ler, apresentar o nosso entendimento e, relacionar com o dos outros grupos.

Em julho do mesmo ano retornamos novamente para estudar. Os professores bem formados, sabiam administrar as aulas, dominavam a turma e explicavam de um jeito que dava para entender bem. O PARFOR me ensinou valores fundamentais na minha carreira como educadora, e até mesmo na vida familiar.

Durante os anos em que comecei a estudar em um Programa da Universidade Federal do Pará (UFPA), fui entendendo muita coisa ao meu redor. Fui aprendendo como passar trabalhos em grupo para meus alunos, e a melhorar a maneira de alfabetizar. Aprendi o que era realmente alfabetização.

Quando veio a disciplina didática, eu achava que era uma coisa, mas era outra diferente da qual eu imaginava. E, quando veio a disciplina de português, nossa, aí eu vi que eu não só precisava de uma boa aula, eu necessitava de uma ótima aula.

Quando fui estudar a disciplina de História era tantas coisas dentro da disciplina, tantos surgimentos, e como surgiu o conhecimento das pessoas, como era tantos anos atrás, e como as pessoas de outros países vivam. Me fez ver de onde surgiu a tecnologia, e como está hoje, como era a ciência alguns anos atrás, e quanto ela se desenvolveu.

O PARFOR me ensinou a conhecer meus direitos como educadora, e meu direito como mulher. Me ensinou as leis que podem me amparar em ambiente de trabalho. Eu aprendia muito quando os grupos traziam tudo o que tinham pesquisado e repassava de um para outro. Era repasse de conhecimento entre colegas. Eu aprendi as formas do alfabeto e como cada aluno passava de fase no mundo de ensino, que não ia só pela maneira de aprender mas que a idade também colabora com cada degrau subido por cada aluno. Aprendi a reconhecer quando o aluno está na forma silábica, pré-silábica, monossilábica, e como identificar as carências dos alunos, até porque eles também têm problemas de casa, e como fazer esse aluno se sentir preso pela aula e, jamais deixar esse aluno se sentir vazio nas aulas, mas sim, ter

prazer de todos os dias vim para escola. Aprendi a importância de ter um olhar mais carinhoso com esse aluno, identificando as especialidades de cada aluno, conhecer a sua realidade de vida.

O PARFOR me mostrou ainda qual é o trabalho de uma gestão. Logo que comecei a trabalhar, eu era leiga, porque não tinha conhecimento nessa área. Mostrou como surgia as leis. Através do curso de graduação eu não só adquiri novos conhecimentos, como pude compartilhar com outras pessoas os conhecimentos adquiridos. Eu ficava feliz quando outras professoras vinham me perguntar qual era a melhor forma para alfabetizar alunos, e em meio a tantas coisas sempre me perguntavam algo relacionado a escola, a forma de ensinar, e agora eu estava pronta a responder.

Em 2020, quando nós iniciamos uma disciplina parecia que meu mundo caiu. Depois de tantos desafios, enfrentava outro: o falecimento do meu pai. Para mim foi duro demais, foi o único dia de uma aula que não teve assunto. No final do mês de janeiro eu coloquei na minha cabeça que deveria lutar contra tudo e todos que viesse em minha direção para me derrubar, no alcance do meu objetivo. Prometi que daria o mérito de minha formação à ele, pois o sonho dele e de minha mãe era ver os filhos todos formados.

As aulas seguiam, ia tudo bem, mas logo surgiu a Covid-19² que chegou ao Brasil no ano de 2020. Então, surgiu o ensino remoto, passando as aulas do PARFOR a ser ministradas nesse formato, de aulas online. Eu não tive muito rendimento, até porque era uma aula corrida muitas dúvidas não davam para tirar. Era como se estivesse colando do Google. E por mais que nós estudássemos no dia das aulas combinada, não era a mesma coisa que estudar de forma presencial. Até as discussões na hora de apresentar o trabalho era diferente, era até difícil para os alunos comentar sobre o tema dado. Eu comecei a observar cada professor na forma de se organizar com suas temáticas trazidas para sala de aula online.

²O coronavírus são uma grande família viral, que causa infecção respiratória e já provocaram outras doenças, como a Síndrome Respiratória aguda, grave (Sars) e a Síndrome Respiratória do oriente Médio (Mars). Em 8% dos casos, infecções por coronavírus causam doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum. A doença causada pelo novo coronavírus recebeu o nome de covid-19. Ela foi descoberta no final de dezembro de 2019, na China. Disponível em: <https://coronavirus.ceara.gov.br> Acesso: em 23 de dez 2022.

Em janeiro de 2021 voltamos as aulas presencial, foi tudo tão bom porque assim a gente aprendia entre colegas. As trocas de experiências entre professor e aluno voltaram a acontecer novamente. Agora eu posso chegar na escola e não fico mais constrangida eu tenho convicção daquilo que eu estou ensinando aos meus alunos, com as novas metodologias apresentadas todo esse tempo por meio do PARFOR.

4. ATUAÇÃO DOCENTE

Em 2012 continuei trabalhando na casa de família. Nesse mesmo período recebi uma proposta para trabalhar no Programa Mais Educação (PME), instituído pela Portaria Interministerial⁴ 17/2007 e pelo Decreto Presidencial 7083/2010, integrando as ações do PDE como tática do governo federal para levar à ampliação da jornada escolar e à organização curricular, na perspectiva da educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino (BRASIL, 2007 apud SANTOS e OLIVEIRA, 2013, p. 146).

Em abril de 2013 fui trabalhar em um comércio durante cinco meses. Em setembro do mesmo ano fui convidada para me candidatar a conselheira tutelar. Foi muito desafiador no meu percurso de vida, pois eu não tinha hora de sair de casa, nem de chegar. Não tinha tempo para minha família, pois dedicava o meu tempo nas comunidades do interior. Passava semanas longe de casa, eu e meus colegas, que também estavam concorrendo a eleição para conselheiros. No dia 10 de outubro aconteceu a eleição, mas infelizmente não foi possível eu ser eleita.

No dia 20 de fevereiro de 2014 recebi uma proposta para trabalhar em uma escola do município de Gurupá, na zona rural. Aceitei de imediato. No meu primeiro dia de trabalho foi constrangedor, pois estava no meio de pessoas que eu não conhecia, e isso me deixava insegura daquilo que eu ia fazer. Não tinha metodologia para trabalhar com meus alunos.

No dia 03 de março de 2015, iniciei minha atuação docente como acompanhante de professor. Eu trabalhei na escola municipal Raimundo Ribeiro Dias, localizada na cidade de Gurupá/PA. Eu o ajudava em sala de aula. O plano de aula era feito pelo professor, ele fazia tudo. Ele nunca falou para mim o que eu tinha que fazer. Dia de prova eu ficava reparando os alunos em sala, turmas do 6º ao 7º ano - a escola só tinha até o 7º série do ensino fundamental.

Trabalhei na escola Raimundo Ribeiro Dias, de março de 2015 a fevereiro de 2016. no anexo da escola, Nossa senhora das Graças, na comunidade nova Jerusalém. Em junho de 2017 este anexo pertenceu a escola São Benedito, da comunidade nova Jerusalém. Em fevereiro de 2020 passei para a escola São Benedito do rio reboca, essas escolas são do campo.

Na primeira vez que fui ser educadora na escola do campo fui trabalhar com as turmas do 1º, 2º, 3º, 4ºano pela manhã,e 5º, 6º, 7º8º ano pela tarde. No caso, fundamental menor, e maior. E até este momento trabalho com 1ºe 2ºano.

A escola tinha coordenação pedagógica, mas que só se reunia com os professores que atuavam na escola como concursados. Nós, que erámos só auxiliar de professor, não participávamos do planejamento da escola e, como eu era auxiliar, só encostada, não tinha diálogo com o professor que eu o acompanhava mandava e eu obedecia.

Porém, o meu primeiro trabalho como educadora se deu em fevereiro de 2016, no anexo da escola Nossa Senhora das Graças, localizada na comunidade nova Jerusalém, zona rural do município de Gurupá. Foi quando eu comecei a dirigir uma sala de aula, como professora, do jeito que eu sabia. E o que eu sabia era pouco, pois tudo era novo para mim.

A primeira dificuldade foi em criar um plano de aula, até porque eu nunca tinha feito um. Apenas tinha visto. E como eu iria elaborar em uma coisa, sem pelo menos saber por onde começar e o que eu tinha que fazer. O mais difícil para mim era olhar e ver que ali eu estava sozinha, sem ter a quem pedir ajuda.

Na comunidade onde funcionava a escola era muito longe da cidade de Gurupá, não tinha internet, nem telefone rural, nem material didático, somente alguns livros. Eu pensava muito no que iria fazer com todas aquelas disciplinas, principalmente a disciplina de matemática, onde eu tinha muita dificuldade.

A primeira coisa que eu fiz foi dividir as turmas: pela parte da manhã eu ensinava as crianças do jardim da infância, até o quinto ano. Para arrumar as disciplinas das crianças, eu fazia os desenhos dos alunos do jardim da infância. Trabalhava com uma turma multisseriada, que tinha um total de 14 alunos, do 1º ano (três alunos), 2º ano (um aluno), 3ºano (quatro alunos), 4º ano (um aluno).

Porém, eu comecei a dividir as disciplinas. Na sexta-feira a disciplina era de português; na terça-feira, a disciplina de história e geografia; na segunda e quarta-feira, ciências; na quinta-feira, matemática e; na sexta-feira, arte.

O que eu elaborava todo dia era as atividades do Jardim da infância e, do 1º, 2º, 3º e 4º ano. Na segunda-feira eu pegava o livro de português e dava uma olhada na atividade que eu me identificava. Essa eu passava para os alunos. O que passava para os alunos do 1º ano eu passava para os do 2º ano e, o que eu passava para o 3º ano, eu passava para o 4º ano.

Eu elaborava as atividades retiradas do livro e passava para o caderno. Assim, eu fazia tanto para uma turma quanto para outra. Eu sempre me empenhava, mas no fundamental menor eu passava o conteúdo para eles e explicava. Quando eles não conseguiam fazer uma letra, eu pegava na mão deles e ia junto até o aluno fazer sozinho.

No primeiro ano tinha uns alunos que não conheciam o alfabeto. Então, eu fazia no quadro para eles copiarem para o caderno. Depois eles liam do quadro o alfabeto todo. Quando o aluno errava a letra eu ia lá e marcava a letra que ele tinha errado.

Os demais que já sabiam ler o alfabeto corrido, em uma folha eu fazia o alfabeto embaralhado, enquanto eles ficavam lendo eu ia atendendo a turma do 3º e 4º ano, para ver se eles já tinham terminado de escrever do quadro. Quando terminavam, eu passava a lição para eles. Escrevia as palavras na folha do caderno deles e depois eu mandava irem lendo.

Enquanto isso, os alunos do 1º e 2º ano liam a lição e, quando eles terminavam eu soltava os alunos para irem para casa e ficava só com os alunos do 3º e 4º ano, que depois da lição era que eles iam para casa. Eu não tinha metodologia para trabalhar com meus alunos todo dia. Na sala de aula a rotina era a mesma, só mudava as disciplinas.

No turno da tarde eu trabalhava com o fundamental maior, juntava as turmas do 5º e 6º ano e as do 7ª e 8º ano. Eu dividia o quadro entre as duas turmas, enquanto eu passava ditado para o 5º e 6º ano, eu escrevia no quadro para os do 7º e 8º ano, sendo os conteúdos feitos do mesmo modo que dos outros.

Era uma turma de oito alunos, sendo dois do 5º ano, três do 6º ano, três do 7º ano. Quando fui dividir as disciplinas, foi que deu tudo errado, porque eram muitas disciplinas para se encaixar em uma semana. Mas, mesmo assim eu dividi cada disciplina para um dia da semana. Eram duas semanas para todas as disciplinas. Na segunda-feira era a disciplina de português, na terça-feira história, na quarta-feira estudos amazônicos, na quinta-feira geografia, na sexta-feira religião. Na segunda-feira da semana seguinte era a disciplina de matemática, na terça-feira educação ambiental, na quarta-feira arte, na quinta-feira física, na sexta-feira.

Durante os primeiros dois meses a rotina de estudo era a mesma. Eu nunca mudava, porque eu não sabia fazer de outro jeito. Não tinha criatividade para trabalhar com esses alunos, tudo era retirado do livro para o quadro, do quadro para o caderno do aluno.

O pior era quando eu ia ministrar aulas para o fundamental maior, que já eram pessoas adultas, da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Eu dava aula em dois turnos, pela manhã, onde trabalhava com o fundamental menor, no horário das 8h às 11h40, quando tinha merenda. Quando a merenda faltava na escola eu soltava os alunos mais cedo, por volta das 10h40. Mas, quando tinha merenda eu levantava às 6h da manhã para fazer a merenda dos alunos. Na escola só tinha um quadro, não tinha cadeiras, os pais providenciaram uns bancos compridos, com mesas para os alunos colocarem o caderno em cima, para eles poderem escrever. Às 8h eu tinha que estar esperando os alunos em sala de aula. Eu passava cerca de um mês sem ver a minha família.

Com dois meses eu voltei para ver minha família em Gurupá e buscar conhecimentos. Fui até minha irmã que também é professora, aí ela foi me ensinando algumas coisas, sobretudo de matemática, porque ela é formada em matemática. Ela foi me mostrando como se faz um plano de aula, depois ela me deu cartilha educativa e livro que iriam me ajudar a desenvolver trabalhos com meu aluno.

A disciplina que me senti dificuldade foi a de matemática, na turma do fundamental maior, porque eu não sabia explicar direito, e a matemática requer explicação e sabedoria para desenvolver o conteúdo, muitas vezes eu sempre enrolava a aula para o horário passar mais rápido.

Nessa época eu não tinha coordenação pedagógica, nem diretor(a) no polo o que tinha era secretário(a) de escola em cada duas escolas ficava um secretário e no anexo da escola onde eu trabalhava tinha uma, mas nunca foi me visitar e nunca levou sequer um material de apoio didático para mim.

A casa onde funcionava a escola tinha dois quartos pequenos e uma sala também pequena, que era onde eu ensinava os alunos. Com quinze dias eu já não tinha o que passar, mas para os alunos do 1º, 2º, e 3º ano, porque eu saí do ensino médio e esse método de ensino não dá suporte para alfabetizar alunos do Jardim da infância e nem de outras séries. Tudo eu tinha que estar colando do livro para passar aos alunos. Segundo Freire “Neste sentido que se pode afirmar ser tão errada separar prática de teoria, pensamento de ação, linguagem de ideologia quando separar ensino de conteúdo de chamamento ao educando para que se fazendo sujeito do processo de aprendê-los[...] (FREIRE, 1996, p.64)

Já no fundamental maior eu tinha que estudar bastante o que eu iria passar para eles, mesmo assim eu ficava nervosa e muitas vezes eu nem explicava o que escrevia no quadro para os alunos, com medo, confusa e constrangida; medo de errar, quando eles me perguntassem alguma coisa. Segundo as teorias freireanas,

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensinar a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelece uma necessidade? (FREIRE, 1996, p. 17).

Já no final do mês de, do corrente ano, eu vim do interior para cidade, para ver minha família e receber meu pagamento. Aproveitei e fui até a secretaria de educação falar com a secretária, e pedir suporte pedagógico, principalmente para os alunos do Jardim de infância. Eu comuniquei a ela que eu não tinha suporte da gestão escolar do meu Polo. Ela me ajudou com materiais pedagógicos que eu precisava, e me informou que a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Nossa Senhora das Graças recebia dinheiro do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

Eu também busquei ajuda com a minha irmã, que também era professora. Pedi que ela me ensinasse como fazer um plano de aula, como eu fazia para não perder tempo até porque eram três séries e mais o jardim da infância. Ela me deu livros interessantes, onde tinha boas sugestões de atividade para desenvolver em sala de aula, de como trabalhar com as crianças, ensinava como preencher um diário de classe e, como montar cada dia para uma disciplina.

Os temas geradores nos permitem trabalhar de forma lúdico e vários conteúdo dentro da sala de aula, interligando as diferentes séries de forma interdisciplinar, levando em consideração a realidade do [...]trabalhar os conteúdos de mais de uma série envolvendo, mais de uma disciplina e articulando teoria e prática. (FREIRE, 1996, p.257).

No início da minha carreira eu trabalhei com todos as disciplinas do ensino fundamental, foi um desafio enorme na minha vida eu não tinha metade para trabalhar com esses alunos, e nem clareza o que eu passava a esses alunos. No momento eu trabalho do 1º ou 2º já tenho metade de como ensinar e desenvolver meu trabalho como educadora as atividades eram bem mais claras, jogos educativos, cartais do alfabeto fônico, é ilustrado, alfabetizar os alunos através de dinâmicas e jogos das sílabas e de palavras etc.

Os desafios foram muitos primeiros a forma de ensinar que eu não sabia, assistência da gestão que eu não tinha, a falta de material pedagógico, fome, muitas vezes arriscando minha vida atravessando nossos rios, e as vezes ter que ser professor, merendeira, servente, e

médico em sala de aula. Mas, o maior desafio foi deixar minha família e passar de dois a três meses longe dos meus.

Quando era para mim fazer o plano de aula, eu elaborava para a semana toda, eu passava dois dias criando meu plano de aula e pesquisando nos livros. Como era o segundo ano eu já sabia criar meu próprio plano de aula, e eu não era mais a professora que só ficava no quadro, nas disciplinas de geografia eu passava trabalho para eles desenvolverem em sala de aula, criava cartas com eles sobre a matéria estudada, isso era com os alunos do fundamental maior, eu comecei a fazer eles desenvolverem a leitura com eles, porque eu comecei a perceber que eles não conseguiam ler direito, sendo que muitos já estavam no 7º e 8º ano.

Em fevereiro de 2020 não houve mais anexo, os alunos foram transferidos para a escola matriz São Benedito da ilha do uriboca, no município de Gurupá. Eu fui trabalhar com alunos do 3º e 4º ano, era uma turma de 23 alunos. Foi um desafio ainda maior do que os outros que eu já tinha passado.

Em março de 2021 as aulas voltaram, mas ainda de forma remota. Os barqueiros transportavam os professores até as casas dos alunos para ensinar, os professores distribuíram as cartilhas para os alunos e ensinavam eles na cartilha. Quando eu com os outros professores chegava nas casas para ensinar muitos dos alunos não estavam na casa, ou quando estava a gente ensinava mas era muito rápido, o tempo já tinha passado e agente ainda tinha várias casas para visitar. Quando era com 15 dias nós voltávamos para ensinar e recolher as cartilhas. No final de junho a direção mandou suspender as aulas porque a gente estava demitido, é nós não voltamos nas aulas, que ficaram paradas até no final do ano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusão de um trabalho desafiador, e muito gratificante. Quando se trata de minha trajetória de vida, até o exato momento.

Os desafios foram muitos, primeiros a forma de ensinar que eu não sabia, assistência da gestão que eu não tinha, a falta de matérias pedagógicas, fome, muitas vezes arriscando minha vida atravessando o rio Amazonas, e as vezes ter que ser, professora, merendeira, servente, e médica em sala de aula, mas o maior desafio foi deixar minha família e passar de dois a três meses longe dos meus.

Quando faço uma análise de minha vida, percebo o quanto foi difícil chegaraonde cheguei, com muitos desafios que a vida nos proporciona. E assim eu desenvolvi meu trabalho como educadora.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, Jussara de. **Educação no Campo**. In: Revista Canal do educador. 2009. Disponível em <http://educador.brasilecola.com/orientacoes/educacao-nocampo.htm>. Acessado em: 26 de Nov.de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, São Paulo, 1996 (coleção leitura). Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> Acessado em: 25 de nov. de 2022.

MOYA, Izabela. **Paulo Freire: o que diz a filosofia do educador brasileiro**. In Politize. 2021. Disponível em <https://www.politize.com.br/paulo-freire> . Acessado em: 26 de nov. de 2022.

SANTOS, Áurea Andrezza Silva dos; OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro. O Programa Mais Educação e a indução da educação integral: desafios para o currículo escolar. **Cadernos CENPEC**, v.3, n. 2, p. 142-141, São Paulo, jun. de 2013. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/235/245> Acesso em 15 de jan. de 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **O projeto político pedagógico: a saída para a escola**. Revista de Educação AEC, v. 27, n. abr./ju 1998, p. 81-91, 1998.

SILVA, Iêda Rodrigues da. **Modos de vida ribeirinho**: construção da identidade amazônica. Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Humanas. VIII Jornada Internacional Políticas Públicas, 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo12/mododevidaribeirinhoconstrucaodaidentidadeamazonica.pdf> Acesso: 15 de jan. de 2023.

SILVA. Ellen; LOPES, Carlos. **Prática pedagógicas desenvolvidas na escola multiseriada ribeinha da Amazônia paraense**. Ed. Unijuí nº 114. MAIO/AGOSTO 2021. <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2021.114.251-266>